

## **FILOLÓGICAS III**

### **O ESTOIRO DA BOIADA**

#### **(DE RUI BARBOSA)**

Paulo Silva de Araújo, da ABF

Exposto na ortografia brasileira hoje vigorante, eis a fidedigna página do celebérrimo Orador.

Confiro-lhe o que integralmente escreveu.

As cinco palavras iniciais, já dei a conhecê-las autênticas e analisadas conforme exige a honesta Filologia. Consignam-se em o número I desta revista.

“Vai o gado sua estrada mansamente, rota segura e limpa, chã e larga, batida e tranqüila, ao tom monótono dos *eias!* dos vaqueiros. Caem as patas no chão em bulha compassada. Na vaga doçura dos olhos dilatados transluz a inconsciente resignação das alimárias, oscilantes as cabeças, pendente a magrém dos perigalhos, as aspas no ar em silva rasteira por sobre o dorso da manada. Dir-se-ia a paciência em marcha, abstrata de si mesma, ao tintinar dos chocalhos, em pachorrenta andadura, espertada automaticamente pela vara dos boiadeiros. Eis senão quando, não se atina por que, a um acidente mínimo, um bicho inofensivo, que passa a fugir, o grito de um pássaro na capoeira, o estalido de uma rama no arvoredo, se sobressalta uma das reses, abala, desfecha a correr, e após ela se arremessa, em doida arrancada, atropeladamente, o gado todo. Nada mais o reprime. Nem brados, nem agulhadas o detêm, nem tropeços, voltas ou barrancos por davante. E lá vai, incessantemente, o pânico em desfilada, como se os demônios o tangessem, léguas e léguas, até que, exausto o alento, esmorece e cessa, afinal a carreira, como começou, pela cessação do seu impulso.”

Isso é trecho de discurso realizado pelo Gigante em 12/02/1910 e ouvido por Juiz de Fora.

Acha-se o leitor em face de língua veramente literária. A música do excerto decorre de harmonia com ritmos vários. Inexistisse no exemplo tal virtude, negar-se-lhe-ia com razão o adjetivo literário.

Para testemunho da presença harmônica, partilho a composição ruiana em fragmentos melódicos naturais:

Vai o gado sua estrada mansamente – 11  
 rota segura e limpa – 5  
 chã e larga – 3  
 batida e tranqüila – 5  
 ao tom monótono dos *eias!* dos vaqueiros – 12  
 Caem as patas no chão – 6  
 em bulha compassada – 6

Na vaga doçura – 5  
 dos olhos dilatados – 6  
 transluz a inconsciente – 5  
 resignação das alimárias – 8  
 oscilantes as cabeças – 7  
 pendente a magrém dos perigalhos – 9  
 as aspas no ar em silva rasteira – 9  
 por sobre o dorso da manada - 8  
 Dir-se-ia a paciência em marcha – 7  
 abstrata de si mesma – 6  
 ao tintinar dos chocalhos - 7  
 em pachorrenta andadura – 7  
 espertada automaticamente – 9  
 pela vara dos boiadeiros – 8  
 Eis senão quando – 4  
 não se atina por que - 9  
 a um acidente mínimo – 7  
 um bicho inofensivo – 6  
 que passa a fugir – 5  
 um grito de pássaro na capoeira – 10  
 se sobressalta uma das reses – 8  
 abala – 2  
 desfecha a correr – 5  
 e após ela se arremessa – 7  
 em doida arrancada – 5  
 atropeladamente – 6  
 o gado todo – 4  
 Nada mais o reprime – 6  
 Nem brados – 2  
 nem aguilhadas o detêm – 8  
 nem tropeços – 3  
 voltas ou barrancos por davante – 9  
 E lá vai – 3  
 incessantemente – 5  
 o pânico em desfilada - 7  
 como se os demônios o tangessem - 9  
 léguas e léguas - 4  
 até que - 3  
 exausto o alento - 4  
 esmorece e cessa - 5  
 afinal – 3  
 a carreira – 3  
 como começou – 5  
 pela cessação do seu impulso – 9

O cérebro de Rui era um órgão, de cujos tubos sonoros rompiam, sem intermitência, eufônicas composições, fosse qualquer o assunto de que falasse ou escrevesse.

Demonstra minuciosa perquirição nos versos, a disciplina estética máxima da tonicidade. Nesta, os oxítonos, paroxítonos, esdrúxulos, átonos, as subtônicas, se fixam nos postos adequados.

As extensões vocabulares e a precisão semiológica dos termos exibem-se mui coerentes ao relato. A análise estilística louva também a urdidura sintática do painel decantado.

Traduz a soma total desses aspectos, distribuídos como urgiu, a andada serena da boiama, e, daqui a pouco, o desembesto de cascos a marretarem o solo, que tremula à sismo.

A oscilação das parcelas rítmicas, efetuei-a guiado, à evidência, pelo evoluer do sucesso: quietude ao princípio da jornada boiúna; depois o susto de um elemento, que azula assombrado, contagiando a massa: explode a boiada. Corre esta à louca por distâncias incríveis, “até que”, - esgotada – pára – “afinal - a carreira – como começou - pela cessação do seu impulso”.

“O Estoiro”, à semelhança do “Surrexit”, “As Andorinhas de Campinas”, “O Terremoto de Lisboa”, exemplifica douradamente o trabalho filológico de minha autoria, formado com duas secções *indissociáveis*: a segunda dependia à justa da primeira para a soberana compreensão e como de sua filosofia. Intitulava-se a primeira “Língua Culta e Língua Literária”; a segunda “A Língua Literária do Brasil no Século XX e sua Formação”. Apresentei-o à solene Conferência “Brasil- 500 anos de Língua Portuguesa (Congresso Internacional)”, celebrado pela Academia Brasileira de Filologia e outros consideráveis estabelecimentos, em 1999. Defendi-lhe o conteúdo. Não se lhe contestou nada.

Todavia, nas memórias publicadas da portentosa reunião, alguém, que superiormente organizou esses anais e lhes reviu as provas, deu por *autor* de “Língua Culta e Língua Literária” (a que enxertou vários defeitos, nenhum existente no original) um ínsigne filólogo, e a mim atribuiu a produção exclusiva da segunda parte.

O vocábulo “estoiro”, Rui Barbosa o aplicou na interrogação vinda imediato antes de “Vai o gado...”: “Já vistes *explicar o estoiro da boiada?*” E o reiterou logo após o limite do extrato: “Eis *o estoiro da boiada*”.

A antologia “Flor do Lácio”, de Cleófano de Oliveira, divulga: “... ao som monótono dos *eias!* dos vaqueiros”. Escreveu o “Replicador” a unissílaba “tom”, porquanto desejou aventar com exaçaõ a maior altura do *som* interjectivo enfadonho, representado pelos “*eias!*”

Do original: “Caem as patas *no* chão...”. Logicamente, o verbo *cair*, por expressar movimento, puxa para si regime com *a* : caiu *ao rio*. Respeito ao problema da preposição *em*, assim explana, em sua venerável “Gramática Expositiva” para o Curso Superior, Eduardo Carlos Pereira: “... aparece, às vezes, regida de palavras de movimento, quando no lugar *para onde* se associa ao espírito o lugar *onde*”.

A regência com a partícula *em* desde muito se introduziu na escrita e fala cultas. Efeito: Rui usou *em*: “Caem *no* chão ...” Em “Vários Estilos”, volume de Arnaldo Barreto, e na “História da Literatura”, de Marques da Cruz, lemos: “Caem as patas *ao* chão”.

Batista Pereira, genro, íntimo e profundo admirador de Rui, relembro, e Álvares Cardoso, em “Iniciação Literária”, impõem à caneta do Orador o declarado: “... pendente a *margem* dos perigalhos...”, em vez de :...pendente a *magrém*... Marques da Cruz, na citada “História”, repetiu Batista e Álvares: Em “Vários Estilos”, Arnaldo continua o estrambótico: pendente a *margem*. Contudo, o espantoso reclina-se nas folhas da “Crestomatia”, de Radagásio Taborda. “...*pendentes à margem* dos perigalhos...”. Aflige-me o tanto, porque estimo grande a “Crestomatia”.

*Magrém é magreza, e perigalhos, as pelancas dos pescoços dos bois. Magrém nasceu de magro, seco. Aquele por seu turno, deriva de macru, acusativo macrum no vulgar. Em latim nobre, o macrum saiu do masculino singular de macer, macra, macrum: macer bos, boi magro. Então magro acarretou magrém. O bom “Dicionário Etimológico”, de Antônio Geraldo da Cunha, nem alude a expressão. No entanto, o léxico de Antônio de Morais Silva, o meu de 1813, alista a voz, mencionando exemplo a significar magreza, encontrado em livro do poeta Diogo Bernardes, século XVI.*

Entre os sertanejos da Bahia, vale outrossim o nome para designar quadra do ano árida, em que a estiagem prejudica o solo e, por extenso, lavoura e criação. Eis por que – julgo – a estação, por metáfora, *magra*, inspirou o emprego, amoldado bastante, de *magrém*.

Inobstante baiano, Rui, no “Estoiro”, se reporta à pele descaída do colo bovino, à *magrém dos perigalhos*.

Batista Pereira e Álvares Cardoso conferem ao Mago do Estilo o verbo “*dizer-se*” no futuro simples do presente: “*Dir-se-á* a paciência em marcha, ...”. Falseia quem imputa a Rui esse fraseado. O manuscrito assegura que o estilista se serviu do futuro simples do pretérito: “*Dir-se-ia*...”.

O escritor: “não se atina por que, ...”. Nos “Trechos Seletos”, de Sousa da Silveira: “...não se atina *porquê*, ...”.

Em Cleófano: “...o estalido *duma* rama...”. No “Estoiro”. “...o estalido *de uma* rama...”. Tanto a eufonia quanto a eustomia requerem a desvinculação entre a prepositiva “de” e o artigo “uma”. Evita-se o cacófato *duduma*, e goza-se a delicadeza e a facilidade articulatória no *diuma*. Mais: por cadência, tem lugar *diuma* do que *duma*.

Na “Iniciação Literária”, Cardoso não reparou que o impressor lhe trocara o vocábulo “*aguilhadas*” por “*aguilhodas*”.

O autor da “Réplica”: “...nem tropeços, voltas ou barrancos *por davante*”. José de Sá Nunes, em “Língua Vernácula”, 1ª e 2ª série, 5ª edição, pág. 314, traz: “...nem tropeços, voltas ou barrancos *por diante*”.

Com efeito, “por davante” significa “por diante”. *Avante*: do latim *ab ante*, evolucionado para *abante*, causou a fórmula da gíria náutica *por de avante*, *por d’avante*, *por davante*, cuja significação é *pela proa*. *Avante*, em ciência de navegar: parte do navio sita entre a caverna mestra e a roda de proa, ou partícula da nave em direção à proa.

A substituição do conjunto primitivo pelo giro *por diante* nada acresce. Tê-lo-iam por nauseoso arcaísmo, ou possessor de intolerável soído? Não descubro tal nem qual. Nauseoso arcaísmo, haveria de ser remoçado. Grafou-se a oração em 1910. Comprovo a seguir que o idioma o requisita em ocasiões certas. Possessor de intolerável soído? Como chamarei a que assim apreende?!

*Davante* exala cultura e sonoridade agradável.

Os lídimos conhecedores de Psicologia do Estilo aclamam, fascinados, obras músicas do gênero “Estoiro”, “O Jogo”, “Oração aos Moços”, “Prece de Natal”, “Hino à Liberdade”, “Deus”, “A Ira Santa”, do inolvidável patriota, visto entenderem que são elas monumentos literários hodiernos para as meditações da Filologia do mais rico e amplo conceito. Doutra ângulo: por documentos desse porte, tornam-se credores os vindouros de avaliar o estado presente de civilização do povo brasileiro, *objeto formal da Filologia*, ciência histórica.

Coteje-se: Nada mais o reprime. Nem brados, ... tropeços, voltas ou barrancos por diante, com o modelo: “Nada mais o reprime. Nem brados, ... tropeços, voltas ou barrancos por davante. No passo, a dinâmica fraseológica malsina o *por diante*. A locução com o *diante* pouco impressiona, é *suave*; com o *davante* é *violenta*, sacoleja. Articulemo-la como pede o quadro: com ênfase. Responde com rigor à “*doida arrancada*”.

Conservemo-la, tragamo-la para o tesouro dos que aspiram à riqueza idiomática e, acima, aos belos feitos de expressão escrita e falada.

Convidem-se a *Psicologia do Estilo* e a *Estética dos Sons*, que dominam o caso.

*Psicologia*: o arguto pensador necessitava, para fechar o período, de vocábulo que se emparelhasse à idéia de brutalidade selvagem exposta: “...abala... Nem brados, nem aguilhadas o detêm, nem tropeços, voltas ou barrancos...”. A “*doida arrancada*” não é de bodes e cabras, mas de *touros*, de *zebus*.

De pronto se afigura admissível obstáculo relativamente possante erguido no rumo da invasão. Num átimo vem-nos isso, graças aos fenômenos psíquicos da associação de idéias e de projeção mental.

O gado o poria a baixo.

Houvesse Rui, portanto, usado a locução *por diante*, jamais comunicaria a nítida e completa impressão da extravagante cena.

Considere-se ainda : que palavra com inicial se requer para simbolizar esse provável desmoronamento? A que tenha por abertura o fonema /d/, o qual

depressa recorda o idêntico em *derrubada*. E, após este, seria ideal um /i/ átono? Nunca! O /i/ não traduz o embate imaginado na irrupção da boizama. Acolá, *diante* não supera *davante*. Este possui o /d/ da *derrubada*, o /a/ de clareza forte em *da*, conquanto átono, e a refletir os *ás* de “*arrancada*”, o /v/, que expressa força, resistência, valentia, na circunstância junto da tônica *an*, *van*, conclui a meta do apuro literário.

Compare-se, ademais, com o realce que o texto ordena: *por diante*, e *por davante*. Diga-se, por *diã*. Agora: por *davã*. Para a conjuntura, *por diante é fraco*. *Forte é por davante*.

A idéia de violência, fúria, manente no termo, tanto pensado, quão proferido, bem distingue o pleno estilista, pois o esteta faz operar a lei psicológica de que o pendor do espírito é desenvolver o pensamento sugerido.

Apelo, enfim, para a *Estética dos Sons*. Profira-se com a veemência indispensada pela energia da fração descritiva do arranco: “... nem tropeços, voltas ou barrancos por *davante*”. Pronuncie o leitor o fragmento com *por diante*. A sonoridade do *por davante* causa maior impacto e, desse jeito, superior agrado para o ouvido, que a do *por diante*. Nomeadamente para os entendidos em assunto de Beleza.

De *Psicologia dos Sons Vocálicos* temos o que aprender com Olavo Bilac, Castilho, Guimarães Passos.

A sugere: entusiasmo, arrojo, claridade, brilho, franqueza, alegria, carinho. *E*: calma, pacificidade, incerteza. *I*: delicadeza, pequenez, sutilidade. *O*: clangor, império. *U*: tristeza, luto, negatividade.

No “*Estoiro*” enumeram-se 163 *ás*; 101 *és*; 50 *is*, 91 *ós*, 23 *us*.

Tanto mais belo será o verso ou a prosa, quanto mais subido o número de sílabas alegres, entusiásticas, brilhantes, que encerrem.

No texto ruiano somam-se, das três mais encantadoras vogais: *A - E - O*, 355. Apenas 23 nubladas ou turvas por exigência mórfica. Pois ainda favorecem o excerto os 50 *is*, de sutileza, tenuidade.

Total de vocábulos: 192. Desses, 83 são monossílabos, e 109, não. 62 vozes monossílabas estrearam do século XIII para diante e, por meus estudos de textos arcaicos, afianço que 21 monossílabos apareceram antes do século XIII.

Indico-os:

- Vai - X
- o - XI (art.)
- e - IX
- ao - XII
- dos - XII (comb. com o art.)
- as - XI (art.)
- em - XII

das	- XII (comb. com o art.)
a	- XI (art.)
por	- X
se	- XII (pron. apassivador)
a	- IX
um	- XII (art.)
que	- IX (pron. rel.)
de	- IX
mais	- XII
o	- XI (pron. pess.)
ou	- XI
se	- XII (conj. cond.)
os	- XI (art.)
seu	- XII (pron. adj.)

Todos os outros monossílabos, os dissílabos, trissílabos e polissílabos já viviam no século XIII, menos os dois monossílabos infra-enumerados.

Do século X houve 1, apenas, não monossílabo; do XII, 1; do XIV des-pontaram 11 palavras de mais de uma sílaba; do XV, 9; do XVI, 19; XVII, 5. Chegaram as restantes no espaço dos séculos XVIII e XIX.

Reúno as dentre as centúrias XIV e XVII, com as ressalvas do parágrafo antecedente:

<i>Monossílabos</i>	<i>Trissílabos</i>	<i>Polissílabos</i>
tom - XIV	estrada - X	resignação - XVI
eis - XIV	tranqüila - XVI	alimárias - XIV
Dissílabos	doçura - XV	compassada - XIV
sua - XII	transluz - XVI	perigalhos - XVI
eias - XVI	abstrata - XVI	paciência - XIV
larga - XVI	atina - XV	acidente - XIV
patas - XVI	exausto - XVII	capoeira - XVI
vaga - XVI	alento - XV	estalido - XVII
bicho - XIV	cessação - XVI	arvoredo - XV
gritos - XIV	reprime - XV	sobressalta - XV
reses - XVI	tropeços - XVI	arremessa - XIV
doida - XVI	davante - XVI	arrancada - XV
gado - IX	mínimo - XVI	atropeladamente - XIV
cessa - XVI	desfecha - XV	agulhadas - XVI
brilha - XVII	impulso - XVI	desfilada - XVII
magrém - XVI		
aspas - XV		
silva - XIV		
dorso - XV		
marcha - XVII		

Todos os vocábulos da tela comovente que perenizou o rebombo da boiada contemplado provêm morfológica e semanticamente do latim, fora:

- marcha: do francês, porém do séc. XVII;
- atropeladamente: século XIV, oriundo no XIII, do antigo francês: *tropel*;
- pachorrenta: do castelhano, início do século XVIII, 1720.

Aceito a proposição de Corominas, quando recomenda para etimologia de *perigalho* a forma \**pelegalho*, de língua portuguesa.

Acerca de *estrangeirismos sintáticos*, verdugo da alma idiomática, não depara ao investigador vernaculista nenhum: de concordância, de regência, os gravíssimos, e de colocação.

A omissão do “com” no grupo “as aspas no ar” ninguém acoime de galicismo. Rui sabia latim, Camões e Luís de Sousa. Camões: “Mas ela (a moça) *os olhos com que o ar serena...na mísera mãe postos...*” = com os olhos postos. Nos “Lusíadas”, por igual: “Uma figura se nos mostra no ar, *...o rosto carregado, a barba esquilada, os olhos encovados,...cheios de terra e crespos os cabelos, a boca negra, os dentes amarelos*”. Sousa: “..assistirem...*pés descalços, cabeças descobertas...*”. A “Águia” tinha vãos mudados. Admire-se o “com” supresso logo antes, em formosa curva de bem dizer: “*...oscilantes as cabeças, pendente a magrém dos perigalhos*”.

O “em marcha” a ladear “paciência” é predicativo do sujeito; ao tempo que “em desfilada”, anexo a “pânico”, modifica adverbialmente “vai”, participando maneira.

O latim clássico foi que herdou tal feição ao português. O adjunto adverbial de modo, composto de termos que designem parte do corpo, não aceita a preposição “cum”. Posso então redigir: *Ibat homo saepe nudo capite, passis capillis, nudis pedibus* = Ia o homem muitas vezes (*com* ou *de*) *cabeça descoberta, (de) cabelos arrepiados, (com) pés descalços*.

Assim como verti para o Clássico: “Vai o gado sua estrada mansamente” = *It pecus viam suam mansuete*, agora faço de novo para o meu Patrono na Academia: “Dir-se-ia a paciência em marcha” = *Diceretur ambulans patientia*: “E lá vai, incessantemente, o pânico em desfilada = *Et it, assidue, terror panicus in impetu*.

Daí resulta: o português do “Estoiro” preza-se de *vernaculíssimo*. Confirmando.

Sublime o prosador-poeta Rui Barbosa!

Restituo-lhe o que é de sua autoria: o “Estoiro” que lhe saiu da mãos. Real.